

# Correntes Críticas II

2º Semestre 2020

LIMIARES DA CRÍTICA: uma proposta de leitura de alguns textos centrais da crítica literária brasileira

Prof. Roberto Zular

Prof. Assistente: Eduardo Francisco Júnior

## Objetivos

A proposta da disciplina de Correntes Críticas é, continuando e aprofundando o curso de correntes críticas I, apresentar aos alunos de graduação do curso de Letras diferentes abordagens teóricas para a leitura e reflexão sobre textos literários, atentando para sua historicidade e variação de contextos. Dentro da enorme variedade existente para a construção de um curso a partir dessa ideia central, optou-se neste semestre por uma questão recorrente na reflexão acadêmica, as situações de limiar ou limite na nossa literatura.

O foco deste curso será, então, acompanhar como aparece, entre alguns críticos fundamentais, a imagem das bordas, das fronteiras, dos limites, dos umbrais, dos limiões. E, dentro de uma perspectiva relacional, pensar não só quais são os pontos de vista da literatura e da crítica literária brasileira sobre o limite, mas também qual é o ponto de vista das beiradas e dos limites sobre a literatura brasileira, ou seja, sobre as consequências dos diferentes modos de conceber a literatura e sua relação com aquilo que não é ela mesma.

## Justificativa

Cada aula será desenvolvida a partir da discussão de um ensaio de um autor que desenvolve de alguma maneira uma reflexão sobre o limite em nossa literatura e cultura.

O curso se inicia em um preâmbulo, no modernismo paulista, a partir da Escrava que não é Isaura de Mário de Andrade e o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade e da presença do limite na obra do crítico e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, num movimento que tenta capturar a complexa historicidade dessa questão retomando ao fundo a questão da cordialidade. Nesse movimento, tentaremos entrever a presença da crítica modernista em seus desdobramentos posteriores, bem como os deslocamentos que a crítica posterior é capaz de produzir nesses textos quase fundacionais da nossa literatura e crítica modernas.

Em seguida temos três grupos de pensadores que não serão, nem devem ser, lidos de maneira linear, mas sim a partir de seus entrelaçamentos e contradicções.

No primeiro grupo encontra-se Antonio Candido, com foco no seu ensaio “Dialética da malandragem” (talvez primeira configuração mais robusta do limite dentro do espaço universitário) e suas ricas e variadas ramificações em alguns de seus orientandos e seguidores uspianos, notavelmente em Roberto Schwarz, José Miguel Wisnik, João Alexandre Barbosa e José Antonio Pasta Jr. Buscando-se ver nesses autores como essa questão se recoloca e é repensada, seja como algo característico dos países na periferia do capitalismo (Schwarz), como uma relação complexa entre o erudito e o popular, passando por nossa cultura musical e sua relação com a síncope, a voz e a alteridade (Wisnik), como uma leitura do intervalo (Barbosa) ou como um “regime do limite” (Pasta). Nesse núcleo de questões veremos também

a proposta de João César de Castro Rocha ao repropor o debate a partir de uma dialética da marginalidade.

No segundo grupo estão críticos literários que abordam o tema do limiar a partir de outras universidades, outros pressupostos e outras configurações teóricas. Tanto Silviano Santiago com sua preocupação com o entre-lugar, quanto Raul Antelo, com sua preocupação com lindes e limiares, reconfiguram a maneira como vemos o limite repropondo a nossa literatura em um contexto latino-americano. Luiz Costa Lima, por sua vez, traz com seu complexo e amplo conceito de *mimesis* como produção de diferença um profundo deslocamento histórico e espacial para esta questão, inserindo-a numa ampla história da literatura e da representação. Já Jeanne Marie Gagnebin adiciona a esse bloco de tensões uma interposição entre cordialidade e estrangeirice na relação com o outro e uma sólida discussão sobre a própria noção de limiar. Por fim, Flora Süssekind traz o limiar entre a voz e a série, corpo e linguagem, para mais uma reconfiguração da questão.

No terceiro grupo estão autores que trazem uma visão que se dá a partir do ponto de vista e, principalmente, da escuta ameríndia e africana. Eduardo Viveiros de Castro propõe a continuação da antropofagia por outros meios e obriga-nos a nos repensar a partir da ontologia ameríndia, enquanto Edmilson de Almeida Pereira propõe uma literatura negra e/ou afro-brasileira entre “Orfe(x)u e Exunouveau”, relendo o limiar como um movimento de convergência, paralelismo, mistura e separação.

Por fim, há uma aula que visa não concluir o curso, mas sim, enlaçar essas várias leituras mais uma vez para que elas se mantenham como uma tensão instigante para além do curso.

## **Avaliação**

Análise de um texto literário a partir das propostas de ao menos dois dos críticos estudados ou um estudo comparativo de textos críticos (também de ao menos dois deles).

## **Cronograma de aulas**

Apresentação. Proposição da questão do limiar a partir de “A Escrava que não é Isaura” e o “Manifesto antropófago” (Mário e Oswald de Andrade)

1. “O lado oposto e outros lados” (Sérgio Buarque de Holanda)
2. “Dialética da malandragem” (Antônio Candido), com a discussão proposta em “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da malandragem’” (Roberto Schwarz) e a dialética da marginalidade (João César de Castro Rocha)
3. “Machado, maxixe: o caso Pestana” (José Miguel Wisnik)
4. “O entre-lugar do discurso latino-americano” (Silviano Santiago)
5. Limiares intensivos: o complexo oral canibal (Eduardo Viveiros de Castro)
6. Regime do limite: “Volubilidade e ideia fixa: o outro no romance brasileiro” (José Antonio Pasta Jr.)
7. Interregno, entredois e a crise do verso (Marcos Siscar)
8. Limiar, aura e rememoração (Jeanne Marie Gagnebin), com a discussão de “Lindes, limites, limiares” (Raul Antelo)

9. Variações sincréticas: “Entre orfe(x)u e exunouveau” (Edimilson de Almeida Pereira)
10. Limiares entre a biologia e a literatura (Marcella)
11. Mímesis como produção de diferença (Luiz Costa Lima)
12. A voz e a série (Flora Süssekind)
13. “Leituras: o intervalo da literatura” e “O dentro e o fora: a dimensão intervalar da literatura” (João Alexandre Barbosa)

## Bibliografia básica

ANDRADE, Oswald. “Manifesto antropofago”. In: **Revista de Antropofagia**. Anno I, n.1. São Paulo: Maio de 1928. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/storage/45000033/45000033273/Output/Images/0002.jpg>

ANTELO, Raul. “**Lindes, limites, limiares**”. In: Boletim de pesquisas – Nelic – Ed. especial Lindes (2008). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784x.2008nsp1p4/8117>

BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo**. São Paulo: Iluminiuras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CASTRO, Eduardo Viveiros. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PASTA Jr., José Antonio. **Formação supressiva**. Tese de livre-docência. São Paulo: USP, 2011.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau**. Azougue, Rio de Janeiro, 2017.

ROCHA, João César de Castro Rocha. **A guerra de relatos no Brasil contemporâneo ou: a dialética da marginalidade**. UFSM, revista Letras, no.32, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

SISCAR, Marcos. **“Poetas à beira de uma crise de versos”**. In: Poesia e crise. Campinas: Unicamp, 2010.

SÜSSEKIND, Flora. **A série e a voz**. Rio de Janeiro: Ed. 7letras, 1998.

WISNIK, José Miguel. **“Machado maxixe”**. In: **Teresa**: revista de literatura brasileira n 4 e 5, São Paulo, 2004. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116360/113949>

ZULAR, Roberto. **“Ficção como variação de contexto”**. In: Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos. São Paulo: Edusp, 2018. Disponível em:

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/286/251/1104-1?inline=1>